

são jorge dos ilhéus

JORGE AMADO



Posfácio de
Antonio Sérgio Alfredo Guimarães



Copyright © 2010 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1944

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica Bete Capinan

Imagens de capa © Paulo Fridman/ SambaPhoto (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Preparação Denise Pessoa

Revisão Ana Maria Barbosa e Isabel Jorge Cury

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

São Jorge dos Ilhéus / Jorge Amado : prefácio de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1718-5

I. Romance brasileiro. I. Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo.
II. Título.

10-07302

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances : Literatura brasileira 869.93

Diagramação Estúdio O.L.M.

Papel Pólen Bold

Impressão e acabamento RR Donnelley

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 7002 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

\

EM VERDADE ESTE ROMANCE E O ANTERIOR, *TERRAS DO SEM-FIM*, formam uma única história: a das terras do cacau no sul da Bahia. Nesses dois livros tentei fixar, com imparcialidade e paixão, o drama da economia cacaueira, a conquista da terra pelos coronéis feudais no princípio do século, a passagem das terras para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem. E se o drama da conquista feudal é épico e o da conquista imperialista é apenas mesquinho, não cabe a culpa ao romancista. Diz Joaquim que a etapa que está por vir será plena de heroísmo, beleza e poesia, e eu o creio.

Por uma especial deferência de Sosígenes Costa, o grande poeta da terra do cacau, utilizei, como de Sérgio Moura, trechos de um poema seu sobre Ilhéus. Os demais versos são mesmo de Sérgio Moura como facilmente o leitor se dará conta. Como se dará conta também de que a última parte deste livro é o começo de um novo romance que os homens do cacau estão vivendo dramaticamente, e que eu não sei quem escreverá.

Este livro, esboçado em Montevidéu, em agosto de 1942, quando escrevi o *Terras do sem-fim*, foi terminado em janeiro de 1944, em Periperi, subúrbio da Bahia, cidade de Castro Alves e da arte política.



*Terra de muita grandeza
de muita miséria também...
(romanceiro popular)*



A TERRA DÁ FRUTOS
DE OURO

A RAINHA DO SUL

1

E, DE REPENTE, O AVIÃO SE DESVIOU DA ROTA PARA O SUL, E A CIDADE apareceu ante os olhos dos viajantes. Agora não voavam mais sobre o mar verde. Primeiro foram os coqueiros e logo depois o morro da Conquista. O piloto inclinava o avião e os passageiros que iam do lado esquerdo podiam ver, como num postal, a cidade de Ilhéus se movimentando. Descia em ruas pobres e ziguezagueantes pelo morro proletário, se estendia rica entre o rio e o mar em avenidas novas, cortadas na praia, continuava na ilha do Pontal, em casas de jardins alegres, subia mais uma vez proletária pelo morro do Unhão, casas de zinco e de madeira. Um passageiro contou os oito navios no porto, fora os grandes veleiros e as inúmeras pequenas embarcações. O porto parecia maior que a própria cidade. O passageiro gritou a observação a Carlos Zude, mas este olhava os banhistas na praia, minúsculos pontos negros que corriam sobre a alvura da areia para as ondas que se abriam em espuma. Julieta devia estar ali, tomando seu banho de mar, jogando peteca com os amigos. Carlos Zude notou que alguém, na praia, levantava o braço dando adeus ao avião. Quem sabe se não seria Julieta? Carlos Zude não distinguiu se o ser que saudava era um homem ou uma mulher, ponto negro perdido na brancura da areia. Mas bem que podia ser Julieta, sabia que ele chegava naquele avião. Carlos Zude respondeu ao adeus, abanando a mão atrás do vidro. Mas o piloto fez outra manobra e a praia desapareceu, o gesto de Carlos se perdeu entre as árvores do morro, sobre as quais o avião parecia querer se precipitar num suicídio coletivo. Baixava velozmente. Em cima era o céu azul de nuvens brancas e fugidias. Deixando o morro para trás, o avião desceu suavemente sobre o rio, foi diminuindo as rotações das hélices, parou junto ao aeroporto da companhia americana, próximo à estrada de ferro. O da companhia alemã ficava mais longe, os passageiros tinham que ser transportados em canoas até o cais. O aeromoço abriu a portinhola, os trabalhadores do aeroporto colocaram a escada. Carlos Zude foi o primeiro passageiro a saltar. O rapaz, empregado no escritório, que via recebê-lo, se precipitou ao seu encontro, um sorriso nos lábios:

— Boa viagem, senhor Carlos?

Apertava a mão do chefe.

— Magnífica. — Olhou o relógio de pulso. — Uma hora da Bahia aqui. Cinquenta e cinco minutos...

— Isso vale a pena... — comentou o rapaz.

Tomou a pasta que Carlos trazia, pesada de papéis. As maletas estavam sendo transportadas por um negro carregador. Os táxis buzinavam chamando os fregueses. Carlos andava pela ponte da estrada de ferro, o empregado ia um pouco atrás e admirava a elegância do patrão, um tipo de homem como ele desejaria ser. Os fios grisalhos do cabelo davam-lhe certo ar de nobreza, antes que de velhice. Vestia e calçava do melhor, o empregado admirava por cima de tudo os gestos tão naturais de grão-senhor, tão naturais que pareciam resultado de um longo estudo e um longo treinamento. Desde o caminhar até a maneira de rir. O avião voltava a roncar, passageiros haviam embarcado, o aeromoço fechou a portinhola e o aparelho correu sobre as águas do rio, para logo tomar altura e desaparecer em direção ao sul, rumo do Rio de Janeiro.

O chofer abriu a porta do Buick. O empregado admirou mais uma vez a displicência senhorial com que Carlos Zude apertava a mão do chofer e agradecia seus votos de boas-vindas. Um grão-senhor...

Carlos Zude entrou no automóvel. O empregado sentou-se ao lado do chofer, virou a cabeça, falou:

— Nós o esperamos na quinta-feira...

— Não consegui passagem no avião. Vivem cheios, não há lugar que chegue. Para vir hoje tive que comprar passagem há três dias.

O seu gesto parecia que ia resolver todo o assunto:

— Mas os americanos vão botar agora um avião exclusivamente para o serviço entre Ilhéus e a Bahia. Duas viagens diárias...

— Formidável! — exclamou o empregado.

Carlos Zude prosseguiu:

— Falei com o gerente. É um alto negócio para eles... É um americano inteligente, compreendeu e me garantiu que, com mais um mês, resolveria o problema. Um avião duas vezes por dia.

Dava detalhes, como se o negócio fosse dele:

— Podem baixar um pouco os preços e se os coronéis perderem o medo de viajar de avião...

O empregado riu:

— Ora, se perdem... Me lembro do coronel Maneca Dantas...

Quando se iniciou o primeiro serviço aéreo com escala aqui, o dos ale-mães, o coronel me disse que só morreria de desastre de avião se algum caísse em cima dele. Agora, depois que teve de viajar a pulso para ver o filho que estava doente, o que se formou agora — esclarecia —, não viaja mais de outra coisa...

O empregado nunca tinha falado tanto diante de Carlos Zude e sentiu certo receio. Mas o patrão sorria aprovativo e comentava:

— São como crianças tímidas...

O empregado achou a imagem perfeita e, como tinha veleidades literárias, pensou em repeti-la, à noite, como sendo sua, na reunião da Associação dos Empregados no Comércio. O automóvel atravessava as ruas da estrada de ferro, entrava no centro comercial da cidade, tomava o rumo do porto. O empregado se recordou do recado:

— Ah! senhor Carlos... dona Julieta telefonou pedindo que lhe avisasse que ela está na praia...

— Muito obrigado... — a voz displicente de grão-senhor.

Carlos Zude pensou novamente em Julieta. Estaria metida no pequeno maiô, jogando peteca ou cortando as ondas daquele mar perigoso com uma impávida coragem. Apalpou o bolso onde trazia o colar comprado na Bahia. Imaginou-o caindo sobre o colo moreno da esposa e sorriu. “Era a mulher mais linda do mundo...”

O automóvel parou, o chofer abriu a portinhola, Carlos desceu:

— Me espere, José, eu volto logo.

O chofer fez que sim com a cabeça, fechou a portinhola e transpôs também ele a larga porta central da casa exportadora Zude, Irmão & Cia., mas não se dirigiu ao elevador como Carlos e o empregado. Entrou por uma das enormes salas do andar térreo. A casa agora era um prédio de quatro andares, no mesmo local do sobradinho antigo, próximo ao porto. O andar térreo era depósito e ensacamento de cacau, dois salões imensos, cheios até o teto de caroços negros que emanavam um cheiro a chocolate. Subindo pela montanha de cacau, homens nus da cintura para cima ensacavam os caroços. Outros pesavam os sacos, ajustando-os ao peso de sessenta quilos exatos e, depois, as mulheres cosiam, numa rapidez surpreendente, as bocas dos sacos já pesados. Um meninote de uns doze anos imprimia sobre cada um deles um carimbo em tinta vermelha:

ZUDE, IRMÃO & CIA.

Exportadores

Os caminhões penetravam pelo fundo em marcha a ré, carregadores levavam os sacos às costas, iam dobrados com o peso. Os sacos caíam com um baque surdo nos caminhões, os choferes punham os motores em marcha, arrancavam pela rua, paravam no cais. Novamente vinham carregadores e novamente se curvavam suas costas sob o peso da carga. Corriam pela ponte, pareciam seres estranhos, negros de espantosas corcundas. O navio sueco, enorme e cinzento, engolia o cacau. Marinheiros atravessavam, bêbados, a ponte de desembarque e falavam uma língua estranha.

José se encostou numa parede, ficou olhando o trabalho, mirando Rosa que cosia sacos, os lábios apertados, os olhos atentos. O chofer tinha um sorriso de conquistador nos lábios que quase sorriam, mas Rosa não o enxergava, preocupada com a rapidez do trabalho. José passou ainda um minuto espiando, na esperança de trocar um sorriso com a mulata, mas terminou suspendendo os ombros num gesto de conformação e voltando para o automóvel:

— Esse cabrão está doido para ver a mulher, é capaz de descer já...

O 72, que ia passando, curvado sob o saco de cacau, riu, e José riu também do insulto murmurado entre dentes.

Realmente Carlos Zude estava doido para ver a esposa. Subira pelo elevador, atravessara rapidamente as salas, onde os empregados se levantavam à sua passagem, abriu uma porta sobre a qual uma placa de metal avisava:

DIRETOR

Privativo

Sentou-se na cadeira da escrivaninha. O empregado que fora receber-lo depôs a pasta sobre a mesa, esperou que Carlos Zude falasse:

— Está bem, Reinaldo. Mande seu Martins aqui...

O empregado cumprimentou e saiu quase correndo. Carlos Zude deu volta na cadeira giratória, olhou pela larga janela o movimento da rua, onde passavam caminhões. Um ônibus partia para Itabuna. O gerente entrou no escritório, vinha arfando da corrida:

— Estava controlando um embarque...

Depois do aperto de mão e das perguntas protocolares sobre a viagem, ficou esperando também. Carlos abriu a pasta, distribuiu papéis sobre a mesa, indicou uma cadeira ao gerente:

— O negócio está feito... Cem mil arrobas vendidas a vinte mil-réis... Fechei ontem por *cable*.

O gerente se admirou:

— Conseguiu vinte mil-réis? E só vendeu cem mil? — Havia uma certa e medrosa reprovação na sua voz. — Temos ainda cento e oitenta mil em estoque...

Carlos Zude sorriu. Na parede em frente a ampliação de um retrato do velho Maximiliano Campos respondia ao seu sorriso. Aquele construíra, por assim dizer, a casa Zude, Irmão & Cia., exportadores de cacau. Falecera há dez anos e morrera aconselhando a Rômulo, o mais velho dos dois irmãos Zude, a dedicar as atividades da firma exclusivamente ao cacau. Carlos assim o fizera, e hoje a fortuna dos Zude triplicara. Maximiliano sorria na fotografia seu sorriso sabido, respondia ao sorriso bem-humorado de Carlos: o velho comprehendia, aquele entendia de cacau, viera para Ilhéus quando o cacau aparecera. Carlos voltou-se para o gerente, explicou numa voz onde havia uma ponta de vaidade:

— Somente cem mil, seu Martins, e não sei se não vendi demais... Houve um tempo, Martins, que os compradores impunham os preços. Pagavam o que queriam. O cacau de Ilhéus era uma ninharia, não pesava no mercado. Ia a reboque dos outros. Nesse tempo, não sei se o senhor ouviu falar, nossa firma era pequena, em vez desse prédio era um sobradinho vagabundo que nem era da gente, era alugado. Faz isso vinte e cinco anos, seu Martins...

O gerente assentiu com a cabeça, não sabia onde o patrão queria chegar. Carlos Zude estendeu as pernas, continuou a falar:

— Cem mil somente, seu Martins, e talvez devesse vender apenas cinquenta mil. Vou lhe dizer uma coisa: o cacau vai subir como nunca subiu. Não se admire se for a trinta mil-réis ainda este ano...

— Trinta mil-réis? Pode ser...

Carlos Zude via dúvida no rosto e na voz do gerente. Abriu mais seu sorriso, era para Maximiliano Campos que ele sorria:

— Vendi cem mil arrobas mas não foi por isso que minha viagem foi proveitosa, seu Martins. E, sim, porque na Bahia conversei longamente com Karbanks e ele está de acordo comigo. Trago a palavra dele sobre uma série de assuntos. O cacau vai subir como nunca subiu, como nunca ninguém imaginou, Ilhéus vai nadar em ouro... O senhor sabe qual a proporção do cacau mundial que sai de Ilhéus?

O gerente sabia, disse números, olhava o chefe da firma com admira-

ção. Martins se considerava um bom gerente, sem dúvida, cuidadoso nos negócios, meticuloso e trabalhador, mas não tinha aquele gênio comercial do patrão. Carlos levantou-se, meteu os dedos no colete, num gesto característico:

— Chegou o tempo, seu Martins, do americano pagar o que a gente pedir. O preço agora vai ser feito aqui, em Ilhéus, e não em Nova York... — Maximiliano sorria na fotografia.

O gerente esperava. Carlos Zude olhou pela janela a gente que passava na rua. O cheiro do cacau entrava pelo escritório, era um cheiro bom.

— Quanto marca a tabela?

— Superior, dezoito mil e trezentos. Good, dezessete e novecentos, regular dezessete e quatrocentos...

— A entregar?

— A entregar. À vista, o cacau superior está a dezoito e novecentos. Bom preço...

— Mau preço, seu Martins. Preço de Nova York. O preço de Ilhéus vai ser melhor. O senhor corra a praça e ofereça negócio aos coronéis: quem quiser vender a safra a entregar nós pagamos a...

Parou um pouco, a boca torcida num gesto, pensando:

— ...a dezenove mil-réis...

— Dezenove a arroba? — Voltava o medo na voz de Martins.

Carlos Zude ajustou o vinco da calça:

— Dezenove, sim, seu Martins. E pode aceitar até a dezenove e quinhentos... E, em breve, não se admire, estaremos pagando vinte ou vinte e cinco mil-réis.

O gerente estava num mar de dúvidas. Carlos baixou a voz:

— E, no fim do ano, o fabricante de chocolate vai nos pagar trinta e trinta e tantos mil-réis por cada arroba.

Sua voz firme:

— Pagará o preço que pedirmos...

— É assombroso... — disse o gerente.

Carlos Zude dava as últimas ordens:

— O senhor telefone aos demais exportadores e os cite, em meu nome e no de Karbanks, para uma reunião hoje, à noite, na Associação Comercial. Marque para as nove horas e cuide que não falte nenhum. Diga que é importante, fale no meu nome e no de Karbanks...

— Pois não.

Carlos recolheu os papéis, entregou alguns ao gerente, apertou-lhe

a mão, atravessou novamente as salas, onde os empregados se levantaram suarentos, tomou o elevador. Na porta olhou o movimento das ruas, os homens que passavam apressados. Num bar próximo muita gente conversava. O cartaz de um cinema exibia fotografias de um filme a estrear. José segurava a portinhola aberta do automóvel. Os carregadores passavam com sacos de cacau às costas. No Grande Hotel dos Viajantes entrava e saía gente. Um navio apitou no cais. Carlos Zude sorriu mais uma vez: estava satisfeito consigo mesmo, com a admiração que o cercava, o empregado que o fora buscar no cais, o gerente de boca aberta, os homens que lhe tiravam o chapéu ao passar. Gostaria que Julieta estivesse ao seu lado ali na porta central da firma, naquela manhã afarista da cidade. Ele lhe mostraria o intenso movimento em torno ao porto e então talvez ela compreendesse a necessidade de morar ali ainda alguns anos, em vez de viver nas praias do Rio de Janeiro. Se lembrava das histórias que Maximiliano gostava de contar, nas suas viagens à Bahia, sobre o passado dessa terra, sobre Ilhéus de trinta anos antes. Havia uma que agradava particularmente a Carlos. Uma que falava de um coronel barbado, revólver no cinto, rebenque na mão, olhar duro, voz calma, que atravessava as ruas, apontado a dedo pelos negociantes:

— É o dono da terra!

O dono da terra, um dia o apontariam assim também. A ele e a Julieta... Os donos daquela terra.

Entrou no automóvel:

— Para casa, José.

José apertou a buzina, o carregador se afastou para um lado, o automóvel arrancou. Carlos Zude meteu a mão no bolso, tirou o colar de pérolas. “Querovê-la nua, inteiramente nua, só com o colar caindo do pescoço sobre os seios morenos.” Fechou os olhos para imaginar melhor.

2

CARLOS VESTIU O CALÇÃO DE BANHO, NA SALA DE JANTAR serviu-se de um cálice de vermute, saiu para o asfalto quente da avenida, assoviando um samba em voga. Ia em passos rápidos, pulando sobre o asfalto que o sol fazia escaldante, uns pulinhos pequenos. Um moleque que se dedicava ao esporte de cuspir na praia, sentado